

1 Este texto foi elaborado a partir da pesquisa intitulada Reza a lenda que... Abordagem Transmídia sobre uma benzeadeira de São Carlos, realizada em 2017. Com exceção de Dona Eva, os nomes das demais fontes foram alterados.

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Bença, Eva!¹

Renata Baboni²

Resumo

O artigo "comvida" a uma experimentação de escuta de uma das raras benzeadeiras tradicionais ainda atuantes na cidade de São Carlos: Dona Eva. Nesses encontros emergem redes de afetos, conflitos, memórias, saberes, fazeres, rezas e crenças populares. Aos que interessarem, recomenda-se pedir a "bença".

Abstract

The article invites the reader to a listening experiment, performed by one of the rare traditional healers still active in the city of São Carlos: Dona Eva. In these meetings, a network of affections, conflicts, memories, knowledge, practices, prayers and popular beliefs emerge. For those who are interested, it is recommended to ask for the "blessing."

Os mistérios de Eva...

O esfregar das mãos, a fala entoada, os sussurros e os gestos cadenciados vão compondo o "manto sagrado" que a benzeadeira vai tecendo enquanto reza: "...que se afaste todo mau pensamento, quebrante, inveja, ódio e mau olhado...+ Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos, Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos+".

Há quem acredite, há quem duvide, mas naquele bairro não há quem negue a popularidade e o carisma de Dona Eva Baltazar.

"Até pessoas que não acreditam na cidade procuram benzimento. É assim que as coisas começam, lá em baixo, com oração. Uns acreditam, outros não acreditam. Tem gente que ignora a gente porque acha que estamos fazendo maldade, mas não é nada disso, somos apegados no bem, com Deus" (Dona Eva).

"Outro dia falei que eu vou me chamar Posto Ipiranga: sempre que estou aqui varrendo, chega uma pessoa perguntando: onde é a Dona Eva?", relata Sônia, vizinha da benzeadeira há quatro anos, que se diz católica e crente em benzimentos, além de frequentadora de centros espíritas. "Ela é uma pessoa que trata a gente muito bem e não fala coisas para te iludir. Já fui com dor de cabeça e voltei muito melhor. Eu me sinto bem toda vez que vou e quando minha filha leva as crianças para benzer, elas também ficam mais calmas", complementa.

Também é o caso de Antônia, vizinha da benzeadeira há mais de 50 anos: "Ela é uma pessoa muito legal. Não frequento, mas as minhas filhas vão. Eu tenho uma neta que vai muito na casa dela e minha bisneta chama ela de vó, não sai de lá, até dorme na casa dela. Lá vai muita gente, tem final de semana que param uns três, quatro carros ali em frente para benzer e eu fico até brava porque ela tem mais de 80 anos, benze a semana inteira e não tem muito descanso", relata.

3 Video *O Altar de Dona Eva*, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MEEhNGpDX-E&t=79s>>.

4 Video *Eva, a natureza e o benzimento*, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTdlV9BRUM>>.

João, de 90 anos, vizinho da benzedeira há mais de 40 anos, diz já ter ido a seu atendimento carregado, com dor na coluna, e ter voltado andando, sentindo-se muito melhor das dores: "eu frequento a Dona Eva há muitos anos, vou várias vezes que preciso. Ela é muito boa".

Como expressão da cultura popular do bairro Jardim Centenário, a benzedeira Eva revela os seus fazeres, crenças, afetos, histórias e assim vai desvelando também os seus tantos mistérios...

Mistérios gloriosos

Um altar com imagens de santos, rixás e velas em um pequeno quarto ao fundo da casa, disposto à frente de quem senta para ser benzido. Este é o ambiente dos atendimentos da benzedeira, que antes de iniciar os seus trabalhos prepara a sala: acende uma vela, reza um Pai Nosso, uma Ave Maria, um Salve Rainha e um Credo pedindo proteção e afastamento dos males³.

Os frequentadores, em geral, são estudantes universitários, idosos, vizinhos, estrangeiros, gatos, cachorros, chaves de carros, roupas de parentes e/ou amigos, mães e crianças de São Carlos e região. No bairro, Dona Eva é muito conhecida pelos seus atendimentos às crianças. Ela reserva o turno da manhã de cada um de seus três dias de atendimentos semanais ao público infantil e idoso.

"Benzo de vento virado, criança que chega aqui vomitando, e a gente dá uns tapinhas no pé da criança e, quando acaba de benzer, a criança já tá rindo e brincando. Benzo cobreiro, espinhela caída, lumbriga assustada – barriga grande, criança assustada e aguada – antes tinha mais, dá um inchaço nas crianças e isso não tinha cura. Faço garrafadas, peço banho de ervas e chá – as minhas entidades que me explicam como tem que fazer o remédio. Não tenho receita" (Dona Eva)

O ritual potencializa as conexões espirituais, afetivas e também a experimentação da reza enquanto acontecimento singular. Muitos encontros acontecem e se fortalecem ali. Nessas conexões, a existência da própria benzedeira é alimentada por outras que buscam cuidado, acolhimento e conforto. Modos de (com)vivência que se combinam para potencializar ainda mais estes saberes, afetos e as suas próprias existências.

"As pessoas acreditam que eu ajudo e trazem algo para agradecer: um presente, um alimento, mas nunca cobreiro. Eles voltam para falar. Eu sempre fui lotada assim, continua a mesma coisa. Se eu for benzer todo dia, eu benzo, mas não dá. Tem que descansar, tô véia. Faz uns 5 ou 6 anos que comecei a colocar senha. Antes benzia todo dia. Não aguento mais. Mas se precisar fora de hora, eu benzo também. Eu benzo gente de São Carlos, de outras cidades, tem vez que tem gente de outro país que vem visitar o Brasil e alguém traz para benzer. Problema de varizes, dores no corpo, coisas que remédio e operação não deram certo – benzo com oração. Hoje em dia é mais isso, mas perturbação com certos problemas, eu só faço oração, não chamo espírito. Se for preciso, a pessoa vai em outro lugar, eu só rezo e peço a Deus, dou um chá ou um banho para ela se acalmar" (Dona Eva)⁴.

Entre rezas, benzeduras, garrafadas de ervas e imagens de santos cristãos e orixás de religiões de matriz africana, Dona Eva e sua prática espiritual sincrética são fios condutores também da história da cidade de São Carlos.

Mistérios dolorosos

Quando Eva ficou viúva do primeiro marido, começou a passar mal e decidiu frequentar o Centro Espírita mais próximo, onde relata ter desenvolvido melhor a sua espiritualidade. Aos poucos decidiu benzer, como fazia seu pai:

"Meu pai já era benzedor, vem de geração a geração. Ele não me ensinou, deixou foi um conhecimento. Depois que meu pai morreu, comecei a sentir mal, ter problema de casal, de criança doente, problema de família – precisei me apegar mais a Deus e ter mais fé para não passar para as crianças. Peguei com firmeza e sinceridade, procurando sentir melhor. Meu pai recebeu um guia, a entidade do meu pai é da mesa branca. Eu nunca recebi entidade de Umbanda" (Dona Eva).

A estória de Dona Eva remete à História da cidade de São Carlos, dos grandes cafezais, da indústria de cana de açúcar e da relação entre o rural e o urbano, constitutiva desta localidade. Nascida e criada por seis anos na fazenda Santa Maria, em Água Vermelha, e tendo residido os posteriores 14 anos em Ribeirão Bonito, Dona Eva mudou-se para São Carlos com a família devido à profissão do seu pai, que era lavrador e trabalhava em distintas plantações na região. Neste período, a futura benzedora, filha mais nova da família, auxiliava a mãe nos afazeres domésticos. Aos 17 anos, casou-se com o seu primeiro marido, que morreu em um acidente elétrico dois anos e meio após o casamento. Com ele, Dona Eva teve dois filhos. Viúva durante os cinco anos seguintes, mudou-se com a família para a Usina Tamoio, em Araraquara, na qual a família toda, inclusive ela e os irmãos, foram contratados para cortar e plantar cana de açúcar. Ela também já foi faxineira e dona de casa: "Família de gente pobre anda. Quando não tinha emprego, a gente se mudava. Minha família foi tudo pobre, sabe o que é trabalhar na roça e colher a plantação para comer o que tinha? Era tudo trabalhador de roça", conta com seu sorriso sincero.

A usina foi referência nacional na indústria sucroalcooleira e funcionava como uma minicidade, oferecendo uma ótima estrutura e diversos serviços para a comunidade que lá morava (hospital, escolas, igreja, lojas, serviços de transporte, entre outros), em geral lavradores e seus familiares. Neste período, Eva casou-se com Baltazar, com quem viveu 57 anos.

Com a falência da usina, por volta de 1983, Dona Eva mudou mais uma vez com a família, agora para São Carlos. "Fomos os últimos a sair da usina – alguns foram despejados – mas nós não, graças a Deus viemos com o dinheirinho na mão e arrumamos esta casa", afirma orgulhosa. A partir de então, Eva passou a benzer as pessoas que a procuravam em sua residência. Rapidamente ficou popular no bairro e também na cidade.

Mistérios luminosos

"Eu estava com 57 anos nesse período que comecei a benzer mesmo. Na nossa comunidade, muita gente procurava benzimento, uma ajuda espiritual, porque nem sempre a gente tem uma criança em casa doente que pode ir no médico – porque a gente mora longe da cidade – não tem como ir em médico toda hora. Qualquer pessoa que mora em fazenda tem sempre um benzedor. E as vezes a pessoa tá com problema de lumbriga, de susto, por exemplo, uma oração ajuda muito. Pela fé que a gente tem. Tem coisa que nem tem como explicar, tem que procurar o caminho de Deus. Nessa época meu pai já benzia na usina, eu não. A gente frequentava a igreja na usina Tamoio, rezava na casa das pessoas, fazia oração de terço e quando morria uma pessoa, a gente rezava três, quatro dias para aquela alma que estava naquela casa. Lá na usina já benzia muita gente, minha missão já estava feita, benzia muitas mulheres, homens e crianças. Não é que eu comecei a benzer, Cristo foi começando a minha vida espiritual lá de baixo e foi subindo em oração, e as pessoas vão conhecendo" (Dona Eva).

Sincreticamente singular

"Para começar uma comunidade espiritual, a gente procura todo jeito para ver o que dá certo. Já fui em Umbanda, Quibanda mas não tive segmento. Fui depois em mesa branca, religião mais serena, preocupada com o pensamento e a fé. Eu sou católica e espírita. A igreja católica fala que não aceita o espírito, mas se for olhar, a fé é a mesma. Deus está em todo lugar" (Dona Eva)⁵.

Neste sentido, o sincretismo religioso, inerente à história das benzedoras, mas especialmente potencializado neste contexto que envolve Dona Eva, emerge nas relações como componente integrador dos encontros nas mais variadas combinações entre as subjetivações.

A singularidade que envolve este universo de subjetividades desejanter cria um comum entre afetos e diferenças: espíritas, católicos, umbandistas, padres, evangélicos, pastores, crentes e não crentes em benzimentos compõem subjetividades frequentadoras de seus atendimentos. Estas experimentam em Dona Eva um laço de confiança que assegura até mesmo o sigilo em relação às participações e aos conteúdos expressos nos atendimentos, ou seja, a confiança "na benzedora" permite a participação até de subjetividades que são vistas socialmente como contraditórias em relação a tal contexto, sendo o elemento sincrético entre as partes um fator agregador e favorável a estes encontros "improváveis".

"O padre veio benzer meu marido, quando ele tava de cama. Pedi para ele benzer meu altar: ele brincou que era para eu benzer ele. Ele foi lá conhecer o meu altar, fazer uma oração, e eu frequento a igreja católica também" (Dona Eva).

Por outro lado, alguns líderes da comunidade religiosa do bairro, de distintas vertentes, veem a prática da benzedora com certo olhar pejorativo, apesar de alguns declararem que as benzedoras também podem "fazer o bem aos outros", ou seja, estes assumem que há legitimidade em tais práticas desde que a benzedora seja "ética"

na sua "missão", no sentido de "orar apenas para fazer o bem às pessoas" (nas palavras dos próprios líderes religiosos de instituições do bairro). A visão sobre o fazer da benzedeira tradicional é contraditória entre os líderes religiosos do bairro, até mesmo entre os responsáveis pela mesma vertente religiosa.

"Temos uma restrição radical em pessoas evangélicas irem a benzedeiros. A pessoa que crê em Deus tem a sua fé, então ela tem tudo. Não se admite irem pessoas para benzimento. Se você tem fé, faz as orações, acredita na palavra de Deus, não precisa disso. Se alguém vai, é liberalidade individual da pessoa, mas a pessoa não vai – porque o conforto e a segurança e a paz que ela sente com a palavra, não tem necessidade de ir" (Um responsável de uma igreja evangélica do bairro).

"Todos nós temos que benzer. Somos herdeiros da benção. É importante saber rezar: geralmente essas pessoas são pessoas de escuta, de escuta para outro. Elas usam muito bem esse tempo, coisa pouco comum hoje em dia. Elas fazem isso muitas vezes mais do que muitas pessoas que deveriam fazer isso. Acho que a questão da benção é inerente a todas as pessoas. Nós todos somos portadores da benção para a Igreja Católica. E nós temos a impressão de que aquele que abençoa é maior que o abençoado. Mas dentro da Igreja Católica, ela restringe um pouco a benção aos padres, porque em cima da questão da benção ainda há muitas superstições. Por isso tem-se muitos olhares meio receosos para as benzedeiros, mas oxalá elas façam só o bem, né? Porque há pessoas que fazem macumba e trabalho para prejudicar o outro, não que este tipo de trabalho feito tem poder, mas a força do pensamento tem poder, a maneira da gente olhar e acolher o outro tem muito poder" (Uma responsável de uma instituição católica do bairro).

"Benzedeira você encontra no meio popular de várias pessoas que tem fé e acreditam no poder da oração. Não temos nenhuma restrição desde que a pessoa faça a oração. Essa senhora aqui embaixo, a Dona Eva, já me chamou para ir na casa dela. Eles participam aqui da igreja, outro dia fui no altar dela, ela me chamou para fazer uma oração lá para o marido. Ela tem a oração dela própria, não tem nada que impeça, é uma oração. A pessoa supera algum tipo de mal porque é o poder da oração. Não temos nada contra benzedeiros que só fazem a oração. O que a gente tem restrição são de trabalhos feitos, algumas seitas fazem trabalhos e magias negativas – coisa que não é conveniente e eles enganam pessoas carentes. Uma pessoa vai fazer oração para fazer mal para os outros? É até contraditório. Uma religião pura e verdadeira é a que cuida das pessoas e não a que propaga o mal. Aí não é religião, aí não está ligando nem com Deus e nem com o outro (religião é religar, com Deus e com outro, só assim tem sentido a nossa vida)" (Um responsável de outra instituição católica do bairro).

"Quando as pessoas estão em dificuldade, elas procuram todas as formas de sanar estas dificuldades. Essas pessoas, fazendo com que necessitados encontrem paz e um resultado positivo, eu não vejo nenhum problema.

6 Júnior, Hudson Roberto
Betrão; Neves, Soriary Simas.
"O Estudo das Benzedeadas em
Parintins: Uma Abordagem
Folkcomunicação". 2013. In:
Intercom – Sociedade Brasileira
de Estudos Interdisciplinares
da Comunicação. XXXVI
Congresso Brasileiro de
Ciências da Comunicação –
Manaus, AM. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0112-1.pdf>>.
Acesso em: 1 fev. 2018.
Ver também Oliveira,
Gustavo Felipe de
Andrade; Meira, Elinaldo.
*Benzedeadas de Guarulhos:
Comunicadoras da fé. Iniciação
Científica. FAPCOM. 2016.*

O problema não é a religião, é a religiosidade. A gente prega Cristo. Se elas também pregam e levam conforto às pessoas, no meu ponto de vista, ela também está ajudando o outro de alguma forma" (Um responsável de outra instituição evangélica do bairro).

"Aqui nós só fazemos trabalho para o bem, temos médiuns conscientes. Focamos neste tipo de espiritualidade. Eu nunca fui na Dona Eva, mas já ouvi falar dela. Precisa ver o que aquela benzedeadas fala que faz: se ela tem um espírito por trás mas não recebe ou recebe, se ela só dá passe. Eu não a conheço direito" (Uma responsável de um terreiro de Umbanda do bairro).

"Cura de curandeiro, benzedeadas, sou totalmente contra. E mesmo os que não são ligados a religião, também não admitimos. Ao contrário, o que tem de pessoas aqui na igreja e que servem a Deus há muitos anos que são ex-feiticeiros, ex-curandeiros, ex-advinhos (em que foi tirado dele esse espírito)" (Um responsável de outra igreja evangélica do bairro).

"Não posso falar que é algo errado, é anti-bíblico isso – seria perder tempo e falar de algo que para mim não é relevante. Só se a pessoa fizer o mal para as pessoas aí não tem o meu apoio. Isso é um princípio básico de uma religião e de uma sociedade (Uma responsável de outra igreja evangélica do bairro).

Assim, valores sociais religiosos, morais, éticos, políticos, afetivos são traduzidos em concordâncias e discordâncias sobre o fazer da(s) benzedeadas(s), suscitando muitos mistérios também nos conflitos e nas contradições.

Mistérios gozosos

Se, por um lado, há uma escassez de benzedeadas tradicionais na cidade – endossada pela hipótese de estudiosos de que no contexto globalizado atual a prática da benzedeadas tradicional está ameaçada de extinção⁶, por outro, muitas ainda atuantes, como Dona Eva, mantém alta demanda de atendimento (embora, na sua percepção, a existência da benzedeadas tradicional esteja sendo transformada em outras práticas contemporâneas também relacionadas a este universo espiritual, de saúde e/ou religioso):

"Parece que está acabando as pessoas que benze. Acho que as pessoas também passam isso em outra religião hoje em dia, mas pelo menos as garrafadas, minhas meninas sabem e podem ensinar para os outros quando precisar" (Dona Eva).

São tantos os mistérios...

As benzedeadas atuam em um contexto religioso sincrético desde a sua origem. O catolicismo brasileiro, em sua vertente mais popular, desde o Brasil colônia influenciou a emergência das benzedeadas e rezadores(as) nas orações, terços, novenas, celebrações – apesar das posteriores perseguições a tais saberes realizadas pela Inquisição Católica.

7 Azevedo, Téo. *Plantas medicinais e benzeduras*. São Paulo, Top-livros, 1984. Ver também OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985; Silva, Claudia Santos. "Rezadeiras: guardiães da memória". In: V ENECULT- Encontro de estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>>. Acesso em 18 jan. 2018.

8 Cunha, Lidiane Alves da. "Saberes e religiosidades de Benzedoras". 2010. In: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/565/423>>. Acesso em: 08 jan. 2019. Ver também Trindade, Deilson do Carmo. *As benzedoras de Parintins. Práticas, rezas e simpatias*. EDUA: Manaus, 2013.

As práticas e rituais indígenas, os cultos afros e demais saberes populares culminaram neste tipo de prática natural ligada ao tratamento de doenças (por meio de garrafadas, uso de ervas, chás, conselhos, orações) – que era muito comum entre mulheres⁷.

Benzer passou a ser significado popularmente como uma prática que solucionaria os problemas diários em diversos campos (afetivo, saúde, finanças, entre outros). No imaginário social brasileiro, a figura das benzedoras está fortemente atrelada ao campo da cura/saúde e da espiritualidade⁸. Conforme visto no contexto de Dona Eva, a maioria dos seus vizinhos(as) relatam buscar atendimentos para fins de cura ("do corpo e do espírito"), endossados pela credibilidade conferida por muitos à experiente benzedora, também reconhecida como "Vó Eva", subjetividade acolhedora, agregadora de sabedorias populares, sincretismos religiosos e afetivos que encorajam resistências às esperadas congruências identitárias.

Orientada pela "missão de fazer o bem e não olhar a quem", Dona Eva também resiste enquanto existência mínima singular que potencializa outras existências ao seu redor (especialmente em momentos de fragilidades) por meio de gestos e atitudes que conferem acolhimento, cuidado e conforto – e que envolvem a ordem do dizível e do indizível, do explicável e do não explicável, da multiplicidade de afetos e de outras produções de existências, tempos, memórias e potencializações vitais.

"A gente não vive de brisa, fia! Tem que viver com Deus se quiser ter uma vida feliz, em paz. Tem que ter amor a Deus. Muita gente vem benzer e sara. Depois vem mais, traz mais pessoas de fora. Um traz o outro. Vem gente de outro Estado, vem pessoas passear e vem benzer, tá com problema ... tem estrangeiro que vem. A gente faz oração não só para quem vem, mas também para quem não pode vir. A fé remove montanhas, temos que apegar a Deus. Toda religião tem que se apegar a Deus daqui para frente. Esse mundo precisa muito de oração. Tem muita gente sem fé, sem coragem, que não pensa no outro. Pedir um mundo de mais lavoura, de plantação, porque hoje temos muita miséria" (Dona Eva).

Pelas forças vitais que ali existem e resistem..., que assim seja!

Bença, Eva!

Eva, o começo, o meio e o fim

A experiência do "ser mulher", no contexto de Dona Eva, trouxe inquietações de gênero, raça-etnia, classe social e geração centrais naquele universo.

A produção de um "fazer viver" a todos(as) que frequentam os seus atendimentos é um modo de vida escolhido pela "Vó Eva", a mãe de uma família repleta de filhos, netos e bisnetos, rodeada de vizinhos(as) e amigos(as) de longa data, filha de benzedor/curandeiro, que trabalhou como dona de casa, como trabalhadora braçal na lavoura e na usina, em área rural, "tradicional

"tradicional mulher curandeira", espiritualizada, que já frequentou centros espíritas, terreiros de umbanda, igrejas católicas, e se tornou a atual benzedeira. Possuidora de experiências de uma longa vida, de sabedoria popular, de saberes e fazeres do corpo, do espírito, das estórias e histórias, das oralidades, das forças da natureza, dos segredos, dos cuidados: saberes e fazeres vitais.

Dona Eva não restringe o seu fazer a um saber prescritivo ou à relação direta entre cada queixa e sua correspondente receita de cura como algo que pode ser passado aos dispostos(as) a aprendê-lo. Eva apresenta, de modo singular, o seu saber intuitivo (e também os saberes lógicos, populares, naturais, entre outros tantos que se compõem com o seu, voltado à escuta atenta dos afetos, dos sofrimentos e dos acolhimentos: uma vida dedicada a esse algo "além" do dizível e do visível).

Nesse sentido, para que a sua prática continue sendo transmitida, Eva intui a necessidade de alguém que esteja disposto a se mover junto com ela nesses "outros saberes", não só para aprendê-los, mas também para apreendê-los (em certa movência intuitiva e vital). Então, na percepção de Dona Eva, a tradição só permanece ali se também houver fluidez e compromisso com a transmissão "do sagrado/vital" que há neste processo entre fazeres-saberes-afetos. Para transmiti-la é preciso alcançar a altura daquela prática.

Essa articulação vital anunciada é o "sagrado" de Eva, um "fazer viver" que também é contrastado por um misterioso "fazer morrer".

No início do trabalho, realizei uma pesquisa criteriosa em acervos públicos de São Carlos sobre benzedeiros e culturas populares locais. Pesquisei em todas as bibliotecas municipais da cidade, no Arquivo Público e Histórico - Fundação Pró-Memória de São Carlos, na Universidade Federal de São Carlos, além de ter realizado buscas na internet, porém não encontrei nenhum material sobre benzedeiros da cidade. A busca por benzedeiros tradicionais ainda atuantes, que pudessem trazer pela oralidade tais experiências e saberes populares, também foi um grande desafio, mas foi a própria oralidade que conduziu esta experiência.

Após pesquisas e pedidos de colaboração e indicação de benzedeiros nas mídias digitais, em diversas instituições religiosas da cidade e em uma vasta rede de conhecidos(as), encontrei apenas cinco benzedeiros tradicionais. Três delas suspenderam os atendimentos por problemas de saúde e, com as outras duas, realizei um longo trabalho, sendo uma delas Dona Eva, especialmente popular. No entanto, durante o período em que mantive contato com Dona Eva, frequentando os seus atendimentos e a sua vizinhança (inicialmente por volta de cinco meses), ela foi surpreendida pelo falecimento do seu segundo marido, o que a levou a interromper os atendimentos por alguns meses retornando mais tarde às atividades.

Entre adoecimentos, mortes, curas, orações, tempos e contratempos, também procurei me movimentar na escuta desses acontecimentos que atravessaram estas vivências e existências.

Se, por um lado, Eva é uma existência mínima que resiste por meio de um fazer e de um saber popular raro no seu contexto e "assombrado" pela possibilidade de seu desaparecimento, já que ela é uma das pioneiras e uma das raras benzedeadas ainda atuantes na cidade; por outro, o seu ofício possivelmente não será continuado por familiares. Tais peculiaridades potencializam ainda mais a relação vital em torno de Eva. Quando Eva morrer, morrerá também aquele fazer e certa dimensão (valiosa) da história, da memória da cidade e deste universo, de modo geral.

Porém, a singularidade de Eva atravessa uma existência limitada ao corpo físico. Há um corpo vital acontecendo ali que transpõe tempos cronológicos, corpos materializados, memórias de passados e que dura em potência nas mais variadas experimentações possíveis. Ou seja, há composições de forças e intensidades vitais que possibilitam criar outros tempos, outras memórias, outros sagrados, outros encontros e outros possíveis.

Eva acredita no seu fazer, não se preocupa com julgamentos. Ela literalmente "se benze" de julgamentos e "falatórios". Coloca o seu fazer como força central e desviante de preconceitos, julgamentos, repressões, entre outros tantos desafios que ainda atravessam o seu caminho. Fazer viver este saber é fortalecer a vida (de Eva e das outras tantas que ela carrega em si); é torna-la viva, mesmo diante de tantas ameaças de mortes.

Na minha frente ninguém nunca falou nada, se falar é bobagem, eu não acredito; acredito na minha pessoa. Meu marido nunca importou porque ele sabia que eu tinha necessidade de benzer. Eu falava para ele que fazia bem para a minha cabeça e o meu pensamento e ele concordava. Tem que ter muita fé. Essa fé cura. Já me curou e também ajuda os outros. Levanto e deito fazendo oração, agradecendo a Deus. (Dona Eva).

Eva, a primeira e a última mulher, a que guarda o início, o meio e o fim, na mitologia Cristã e também neste plano vital anunciado. Eva não morre. Eva faz viver. Eva está por vir.

